

Candeias Sales, J. 2018. Entre Gansos, Falcões, Abutres, Íbis e Jabirus. As Aves na Mitologia Egípcia.

Boletim do Centro Português de Geo-História e Pré-História 1 (2) 2018 : 23-28

www.cpgp.pt / boletim.php

ISSN (print): 2184-4518 ISSN (online): 1645-9806 ISSN (CD-ROM): 2184-4194



Entre Gansos, Falcões, Abutres, Íbis e Jabirus. As Aves na Mitologia Egípcia

José das Candeias Sales

Universidade Aberta; CH-UL. Jose.Sales@uab.pt

Recebido: 30 Novembro 2017 / Aceite: 31 Dezembro 2018 / Disponível online: 25 Abril 2019

Resumo

Um dos aspectos mais notáveis da mitologia egípcia é o enorme número de divindades com representações zoomorfas ou híbridas/bimórficas (corpo humano com cabeça animal ou corpo animal com cabeça humana). Essas formas são produto de um compromisso criativo entre um pensamento antropomórfico e as aparências das forças naturais-animais. As aves não escaparam a esta apropriação mitológica e surgem associadas a divindades de primeiro plano do panteão: estão nesse caso os falcões, os abutres, as íbis e o ganso. Além desta faceta de presença das aves em plena associação com grandes divindades do panteão egípcio, é possível vê-las também usadas simbolicamente para exprimirem alguns aspectos da personalidade humana e conceitos maiores do pensamento religioso egípcio. Estão neste caso, sobretudo, a ave-*ba* e a íbis-*akh*. No antigo Egipto, as aves, tratadas teológica e iconograficamente, ajudaram, pois, a definir formas divinas, convicções e conceitos espirituais.

Palavras-chave: Aves, Mitologia, Simbologia, Conceitos

Abstract

One of the most remarkable aspects of the Egyptian mythology is the large number of deities with zoomorphic or hybrid/bimorphic representations (the latter corresponding to representations with animal heads over human bodies or human heads over animal bodies). These shapes are product of a creative compromise between the anthropomorphic form and the features of the natural-animal forces. Birds were also included in this mythological appropriation and are associated to “first-tier” deities of the Egyptian pantheon, namely hawks, vultures, ibises and geese. Besides this association of birds with the great deities, it is also possible to see their symbolic use as a means to express diverse aspects of human personality and bigger concepts of the Egyptian religious thought: mostly the *ba*-bird and the *akh*-ibis. In ancient Egypt, the theological and iconographic treatment of birds was essential to define divine forms, beliefs and spiritual concepts.

Keywords: Birds, Mythology, Symbolology, Concepts

1. INTRODUÇÃO

Um dos aspectos mais notáveis da mitologia egípcia é o enorme número de divindades com representações zoomorfas ou híbridas/bimórficas (corpo humano com cabeça animal ou corpo animal com cabeça humana). Praticamente quase nenhum animal da fauna egípcia escapou a estas apropriações e representações metafóricas de entidades sobrenaturais, incluindo obviamente as aves (Daumas, 1982; Watterson, 1984; Hart, 1986; Hornung, 1986; Kessler, 2001; Vernus & Yoyotte, 2005; Dodson, 2009; Te Velde, 1980, p. 76; Scalf, 2012, p. 33; Sales, 2017, p. 8-12). Na literatura funerária e na arte egípcia, as aves (em egípcio, *aped*) surgem abundantemente referidas e representadas, nalguns casos associadas, de forma integral ou parcial, a divindades de primeiro plano do panteão. É possível também encontrá-las usadas simbolicamente para exprimirem

alguns conceitos maiores do pensamento religioso egípcio. Estão neste domínio as aves *-ba* e *akh*.

2. AS AVES: METÁFORAS E SÍMBOLOS NA MITOLOGIA EGÍPCIA

As aves tiveram uma enorme importância na vida natural, económica, artística e espiritual do antigo Egipto. A localização do Egipto na zona nordeste do continente africano fazia do país uma zona de passagem migratória anual de inúmeras espécies de aves da Europa e da Ásia ocidental para a África central e meridional. Duas vezes por ano, na primavera e no outono, nas jornadas de ida e de regresso, desde muito cedo que o povo do Nilo esteve em contacto com numerosos tipos de aves, usando algumas delas na sua dieta, como fonte de

proteínas (Houlihan, 2001, p. 189; Bailleul-Lesuer, 2012, p. 23, 24). A sua escolha como animais sagrados, como símbolos divinos ou figurações iconográficas de divindades, derivou de um conjunto de atributos, naturais e/ou ideológicos, associados às próprias aves e que, facilmente entendidos pela maioria dos antigos Egípcios, se prestavam a uma judiciosa apropriação mitológica.

A representação pictórica de aves ou partes de aves (ex.: asas) é uma constante na pintura e nos baixos-relevos pintados egípcios, sendo o repertório de espécies figuradas extremamente variado e detalhado (algumas delas hoje já extintas na fauna egípcia), estando patente nos programas decorativos dos túmulos-capela do Império Antigo e do Império Médio e dos hipogeus do Império Novo, constituindo alguns deles autênticas obras-primas da pintura egípcia (Houlihan, 2001, p. 189-191; Evans, 2012, p. 91). Discos solares alados, de maiores ou menores dimensões, com densa ou mais esparsa penugem nas asas, e abutres de asas abertas, segurando nas garras signos *chen* (protecção eterna), alguns profusa e intensamente pintados, com fortes azuis, vermelhos e brancos, são motivos artísticos relativamente comuns nos tectos, lintéis, paredes e portais superiores de entrada dos templos egípcios do Império Novo e do Período Ptolomaico, ainda hoje perceptíveis.

As aves constituíram também uma poderosa fonte de inspiração para o sistema de escrita hieroglífica: dos 777 signos da lista de Gardiner, 176 (secções E a L) dizem respeito ao reino animal (mamíferos, partes de mamíferos, aves, partes de aves, anfíbios, répteis, peixes e partes de peixes, invertebrados e animais menores). Desses, 65 signos (secções G e H) representam aves, bem como partes de aves ou elementos a elas associados (cabeças, asas, plumas, patas, ovos). Isto significa que 1 em cada 4 ou 5 hieróglifos está relacionado com animais e que mais de 1/3 deles são aves. (Gardiner, 1982, p. 467-474 e 545; Te Velde, 1980, p. 76; Zayed, 2013; Sales, 2017, p. 13, 14, 37).

Complementarmente, não se pode ignorar que as aves (íbis e falcões de pequeno porte, designadamente) estiveram, sobretudo nas épocas mais tardias da história egípcia (Época Baixa, Período Ptolomaico e Período Romano), estreitamente associadas às ofertas votivas usadas pelos peregrinos e que foram alvo de delicados processos de mumificação. O *ibiotapheion* de Tuna el-Guebel, com milhões de múmias de íbis, está entre as necrópoles egípcias onde se afeiçoaram catacumbas específicas ou se reaproveitaram galerias de túmulos antigos para os enterramentos de animais votivos depois de morrerem (Ikram, 2012, p. 43, 44; Dodson & Ikram, 1998).

Das muitas aves que receberam a atenção dos antigos Egípcios no domínio mitológico, vejamos algumas, conferindo destaque às suas principais características, aos modos de actuação e aos papéis que desempenharam, bem como às metáforas e aos símbolos a que foram associados.

2.1. ÍBIS PRIMORDIAL



Provavelmente o caso mais conhecido do antigo Egipto de uma ave que surge associada a uma grande divindade do panteão é Tot (chamado pelos antigos Egípcios Djehuti), que tinha na *Ibis religiosa*, da espécie *Threskiornis aethiopicus*, um dos seus animais sagrados. A ave denotava um acentuado simbolismo lunar: o longo bico curvo para baixo fazia alusão

ao crescente da Lua Nova e a sua penugem branca e negra sugeriu a alternância entre o crescer e o minguar da Lua (Bleeker, 1973; Sales, 1999, p. 185, 434; Wilkinson, 2003, p. 87). Tot era frequentemente representado com cabeça de íbis (*heb*), sobre a qual ostentava, por vezes, a coroa *atef*, o disco solar, os chifres de carneiro e serpentes *uraeus*. Noutros casos, a cabeça de ave era encimada por um crescente lunar e por um disco solar (Sales, 1999, p. 70, 184, 185).

A iconografia e a literatura egípcias deixam perceber que esta divindade recobria numerosas actividades, funções e atributos. De facto, adorado um pouco por todo o Egipto como deus lunar e do calendário, Tot era considerado o inventor da escrita hieroglífica («palavras do deus», *medu netjer*) e da língua falada pelos homens, das artes, das ciências e do cômputo, das invenções e da sabedoria/ conhecimento; era o senhor da adivinhação e da magia, mensageiro, arquivista e escriba dos deuses, patrono dos médicos, dos mágicos e dos escribas («os seguidores de Tot», *chemsu Tot*). Para os teólogos de Hermópolis (a egípcia *Khemenu*, «A Cidade dos Oito», a actual El-Ashmunein, no Médio Egipto), esta divindade era o verdadeiro demiurgo Universal, que, como íbis divina, na «Primeira Vez» (*sep tepi*), pôs nas águas do Nun primordial e chocou o ovo do mundo, o ovo primordial (*suhet*), de onde saíram os oito deuses e todo o Universo (Sales, 1999, p. 68, 69; 2012, p. 201). Nesta concepção da criação, Tot era a cabeça da Ogdóade, tendo realizado magicamente toda a obra da criação apenas pelo poder do som da sua voz, quebrando o silêncio do mundo e sendo conhecida como a «Grande Grasnadora» (*gengen uer* ou *negeg uer*) (Wilkinson, 2003, p. 213).

2.2. FALCÕES PODEROSOS

O caso mais notável é o do deus do céu, Hórus (*Hor*), deus protector da monarquia faraónica, do Egipto unificado sob um só faraó do Alto e do Baixo Egipto, razão pela qual uma das suas imagens típicas era a de um homem com cabeça de falcão, usando a coroa *pa-sekhemeti*, a dupla coroa, vermelha e branca, do Alto e do Baixo Egipto. O falcão hórico (falcão-lanário ou borni, *Falco biarmicus*, e o falcão peregrino, *Falco peregrinus*) foi usado regularmente como insígnia dos *nomoi* egípcios (Sales, 1999, p. 433-436; Wilkinson, 2003, p. 86, 87).

Hórus é uma metáfora da realeza egípcia e desempenhou papel crucial na titulatura real: desde o período dinástico, o primeiro dos cinco nomes da titulatura real egípcia era precisamente «O Nome de Hórus» (*Hor*), , inscrito no *serekh*, representação rectangular estilizada da fachada do primitivo palácio, do túmulo real ou da porta falsa, designando o rei como encarnação terrestre do antigo deus-falcão; o terceiro nome, «O Nome de Hórus de Ouro», , *Hor nub*, era a justaposição dos signos hieroglíficos do ouro e do falcão, evocando um acontecimento mitológico: a vitória de Hórus sobre o tio Set, que lhe tentara roubar a herança do trono (Sales, 2015, p. 53-56).

Montu era outro deus egípcio hieracocéfalo. Antigo deus principal da região tebana, com santuário em Hermontis (egípcia Iuni), era um deus guerreiro, representado como uma figura masculina com cabeça de falcão encimada pelo disco solar com o *uraeus* ou os *uraei* e duas longas plumas. Muitas vezes segura uma *khepech* (pequena cimitarra curva), com a qual decapita os inimigos do faraó, ou que oferece ao faraó, para lhe transmitir invencibilidade, vitória, protecção, poder.

Pela forma hieracocéfala, pela função militar, pela protecção à monarquia e ao Egipto, Montu e Hórus foram frequentemente aproximados na mitologia egípcia. A opção por uma ave de rapina especializada no voo em velocidade nos altos céus egípcios que tudo vê, domina e controla é uma metáfora eficaz e inteligível (Sales, 1999, p. 208).

Sokar ou Sokaris era um deus dos mortos. Das suas formas destacam-se a de falcão — era a encarnação do falcão peregrino (*Falco peregrinus*) — ou de homem mumiforme com cabeça de falcão encimada por uma coroa *atef*. Tinha como principal centro de culto a necrópole de Mênfis, Sakara, onde já era adorado na época pré-dinástica. Durante o Império Antigo foi frequentemente representado sentado num trono segurando o ceptro *uas* e o símbolo *ankh*. No Império Novo aparece hieracomorfo e mumiforme, segurando os ceptros *uas*, *hekat* e *nekhakha*.

Na cidade egípcia de Pe, no Delta, os chamados *bau* de Pe (habitualmente traduzidos como «almas» ou «espíritos») eram figurados igualmente com cabeças de falcão, simbolizando os governantes pré-dinásticos do Norte do Egipto, encarados como ancestrais protectores da monarquia, que se tornaram adjuvantes de Hórus, tendo mostrado furiosamente a sua indignação com o assassinato de Osíris e incitando-o fortemente à vingança (Wilkinson, 2003, p. 89, 90).

Em muitas regiões do Egipto, o sincretismo religioso assimilou Hórus a um outro deus falcão chamado Sopedu, senhor do Este e das fronteiras orientais. Fazia parte integrante do panteão egípcio desde épocas recuadas sendo adorado, sobretudo, no *nomos* 20 do Baixo Egipto, chamado Per-Sopedu («A Morada de Sopedu»), cuja insígnia o representa como falcão com duas plumas na cabeça e cuja designação é precisamente «Falcão Plumado de Sopedu» (Wilkinson, 2003, p. 87).

Também o filho de Mut e de Amon, em Karnak, o deus Khonsu, podia ser representado antropomorfo com cabeça de falcão, com ou sem o penteado da infância e da juventude. Sobre a cabeça de falcão ostenta muitas vezes o crescente lunar e o disco solar, aludindo ao seu papel como deus da Lua. A própria Lua era conhecida como «Khonsu, o jovem forte». Na representação hieracocéfala, é assimilado a Hórus (Khonsu-Hor).

Kebehsenuf era um dos chamados «filhos de Hórus» que superintendia ao vaso de vísceras onde eram depositados os intestinos. A tampa de tal vaso que ficava sob a sua guarda e protecção tinha o seu rosto: uma cabeça de falcão. Em vinhetas de papiros funerários, designadamente da cena da pesagem do coração no Tribunal osiriano do Além, surge, com os restantes filhos de Hórus (Imseti, Hapi e Duamutef), sobre uma flor de lótus colocada normalmente diante do entronizado Osíris, juiz dos mortos (Sales, 1999, p. 345, 355, 357; Wilkinson, 2003, p. 85).

No desempenho das suas funções fúnebres junto de Osíris, as irmãs Ísis e Néftis eram associadas ao falcão peneireiro (*Falco naumanni* e *Falco tinnunculus*) e ao milhafre negro (*Milvus migrans*). Símbolo do amor e da fidelidade conjugal, foi Ísis que procurou, com a ajuda de Néftis e de Tot, os catorze pedaços do corpo de Osíris, após Set ter despedaçado o corpo e espalhado os despojos por todo o Egipto, acabando por conjugá-los de novo, de forma a restituir o sopro vital do marido-irmão-deus. Apenas o falo não foi encontrado, por ter

sido devorado pelo peixe oxirínco do Nilo. Por artes mágicas, da argila fértil do rio, Ísis conseguiu ultrapassar a perda do membro real, por um artificial, devolver energia ao esposo e dele conceber um filho: Hórus (Dunand, 2000, p. 15). Esta concepção milagrosa surge representada em várias cenas artísticas codificadas (ex.: baixos-relevos do templo de Seti I, em Abidos; de Ísis, em Filae; de Hathor, em Dendera). A deusa assume, então, a forma de falcão-fêmea, suspensa ou pousada, sobre o artificial falo erecto do marido morto e nessa forma animal ocorre a inseminação (Sales, 1999, p. 126; 127; 2009, p. 66, 67). Desta prodigiosa cópula só podia nascer um ser excepcional: Hórus, o herdeiro do trono, meio humano, meio falcão (antropomorfo com cabeça de falcão), futuro protótipo de todos os faraós.

Ísis foi também reverenciada e respeitada como divina carpideira: chorando e lamentando o marido, surge também como falcão, acompanhada pela irmã Néftis, e com as suas longas asas ambas protegem o morto Osíris, uma à cabeceira (Ísis) e outra aos pés (Néftis). As deusas podem mesmo ser mostradas antropomorfas, mas dotadas de compridas asas. Nas cenas de inseminação mágica e nas do carpir fúnebre, o recurso a uma ave, ao seu esvoaçar ou à produção de ar/ vento pelo agitar das asas é muito adequado pela imagética que evoca e que associa a protecção das deusas ao comportamento das aves adultas em relação às suas crias (Shonkwiler, 2012, p. 49).

2.3. ABUTRES EFICAZES

Ave provida de poderosas garras, pescoço descarnado e recurvado, olho agressivo, longo e adunco bico, o abutre (*neret*) forneceu a representação alada ideal para uma deusa que se considerava a «Senhora do Céu Meridional»: Nekhebet, a divindade protectora do Alto Egipto e da realeza. Iconograficamente, a deusa é habitualmente representada de asas abertas, sinal de protecção (do rei e/ou do Egipto), agarrando símbolos de eternidade com as suas fortes garras. Pode também surgir como uma mulher com um toucado ou com cabeça de abutre, ou, mais frequentemente, como um abutre, com ou sem coroa *hedjet* (símbolo do Alto Egipto), segurando com as garras símbolos *chen*. Os abutres associados a Nekhebet eram o *Gyps fulvus* (o grifo), o *Vultur auricularis* e o *Torgos tracheliotus nubicus* (também conhecido como abutre núbio) (Houlihan, 2001, p. 191; Kozloff, 2012, p. 61).

No repertório iconográfico e mitológico egípcio, as espécies de abutre serviam também a deusa Nut, outra deusa do céu, que conhecia também representações antropomorfas (corpo de mulher arqueado sobre a terra como símbolo da abóbada celeste ou mulher com compridas asas de abutre), como vaca ou como porca celeste (em ambos os casos, com o ventre repleto de estrelas). A notável extensão das asas abertas do abutre de Nut era assimilado à imensidão da abóbada celeste (interpretação cosmogónica) e à protecção total dos defuntos (interpretação funerária). Nas tampas dos sarcófagos, sobretudo a partir do Império Médio, a figuração de Nut sugere que o invólucro fêretro agia como céu protector e a deusa como mãe dos defuntos, garantia da sua ressurreição. Imagens da deusa, de pé, no exterior dos sarcófagos, de frente ou de perfil, embora sem asas, reforçavam a mesma índole de protecção ao morto que as representações antropomórficas aladas manifestavam (Sales, 1999, p. 118-121; Wilkinson, 2003, p. 160-163; López Grande, 2007, p. 308-310).

Originalmente representada também como um abutre



(*Aegyptius tracheliotus*), Mut, grande deusa de Tebas, esposa de Amon, chamada «A Mãe», podia ser figurada inteiramente antropomorfizada, usando na cabeça a *pa-sekhemeti*, a dupla coroa vermelha e branca, símbolo de união do Alto e do Baixo Egípcio, simplesmente colocada na cabeça ou sobre um toucado em forma de abutre (Te Velde, 1979-1980, p. 4,5; 1997, p. 457, 458; 2008, p. 242). O termo *mut* (*mwt*) presta-se em egípcio antigo ao jogo fonético: tanto designa «abutre» como «mãe». Entre os epítetos de Mut figura o de «Senhora do Céu» (*neb pet*), que é entendido como uma alusão à sua forma de abutre voador. É ela, nesse atributo, que confere a imortalidade ao faraó como soberano do Egípcio.

2.4. AVESTRUZ DA ORDEM

A deusa Maet era no antigo Egípcio a potência que mantinha o mundo na sua regrada continuidade. Era a personificação antropomórfica da Verdade, da Justiça e da Harmonia Universal. Representada como uma mulher, de pé, sentada ou com um dos joelhos em terra, apresenta, fixada numa fita da sua cabeleira, uma pluma de avestruz, que é o seu principal signo identificador. A avestruz (*Struthio camelus*) e as suas plumas são, por isso, uma metáfora animal para Maet. Em muitas representações, a simples figuração da pluma simboliza a sua presença e actuação: nas cenas da psicostasia, a sua leve pluma, num prato da balança, contrabalança com o coração do defunto. A actuação de Maet em contextos fúnebres fez com que fosse, por vezes, representada alada. O divino agitar das suas asas permitia transmitir o fôlego de vida ao defunto e, assim, conferir-lhe vida eterna no Além (Wilkinson, 2003, p. 151).

3. AS AVES: METALINGUAGEM CONCEPTUAL - O BA E O AKH


Segundo a concepção egípcia, o *ba* era um elemento do composto humano, intelectual, que abrangia todos os aspectos do indivíduo no domínio da personalidade e do desejo sexual, estendendo-se o seu campo de actuação também ao domínio físico. O *ba* vinha à existência com a morte, num processo de natureza bem corpórea, se os rituais fúnebres e as oferendas funerárias tivessem sido correctamente desenvolvidos e desempenhados, permitindo-lhe realizar todas as funções vitais, como comer, beber e copular (Allen, 2001, p. 161, 162; Sales, 2014, p. 151).

Na escrita hieroglífica, o mais antigo e o mais usado signo para grafar o *ba* é a cegonha  (G29). O recurso a uma ave é muito apropriado, uma vez que um dos principais atributos do *ba* era a sua faculdade de se deslocar do túmulo para a luz e vice-versa, sendo, por isso, um elemento muito importante para compreender a noção egípcia de imortalidade, pois era ele que realmente a proporcionava (Janák, 2013a, p. 128; 2013c; 2014, p. 2, 5). A partir do Império Médio, o *ba* ganhou contornos mais definidos, passando a ser representado como uma ave (falcão ou jabiru) com uma cabeça humana (, G53), ostentando a barba típica dos deuses para indicar a sua natureza divina (Sousa, 2012, p. 49; Zabkar, 1968; Janák, 2013c, p. 125, 126; 2014, p. 2). A partir da XVIII dinastia, o *ba* passou a ser representado como um pequeno falcão com cabeça humana, homónima do defunto, e frequentemente com braços e mãos humanas. Os baixos-relevos mostram-no estendendo as

mãos sobre o coração do morto, num gesto vivificador.

Há uma profunda mensagem teológica associada a estas representações: com o corpo de uma ave e com o seu próprio rosto, o defunto está a manifestar-se através de uma forma solar e aérea, capaz de se deslocar do túmulo (domínio da múmia) para a luz (domínio do *ba*) e vice-versa. O *ba* pode aceder, sem entraves, aos espaços luminosos dos campos egípcios e regressar todas as noites à escuridão do túmulo, transferindo para o corpo defunto as energias recebidas dos benéficos raios solares e as apazíveis visões recolhidas no mundo dos vivos. A ave *ba* exprimia, em suma, a conquista pelo defunto, aprisionado no túmulo, de um horizonte de liberdade e de luz (Sousa, 2012, p. 50,51). Só uma ave, ligeira, móvel e activa, podia cumprir na perfeição estas exigências.

Habitualmente traduzido como «espírito», o termo egípcio *akh* recobre ideias de transfiguração, de glória e de sagrada intermediação entre o humano e o divino (Janák, 2013a, p. 1; 2013c, p. 122). Os Egípcios usavam a representação da íbis pelada do norte (*Geronticus eremita*) para o signo hieroglífico

akh (, G25 da lista de Gardiner). Reconhece-se esta ave migratória pelo formato do seu corpo, postura, curtas pernas vermelhas, longo bico vermelho e recurvado e pela típica crista na parte traseira da cabeça (Janák, 2013b, p. 2; 2013c, p. 123, 124; 2013a, p. 1). Para os Egípcios, um indivíduo só era um *akh* após a ressurreição ou renascimento. O indivíduo não tinha um *akh* em vida, mas sim transformava-se num após a morte (Assmann, 2003, p. 142). O *akh* refere-se, portanto, a um estágio da existência possível somente após a morte física, não sendo obtido automaticamente no momento do parto, com o nascimento, mas só depois da mumificação, dos adequados rituais fúnebres e da superação dos obstáculos da morte e dos julgamentos no mundo subterrâneo (Janák, 2013c, p. 122, 123; Friedman, 2001, p. 47; Taylor, 2001, p. 32; Englund, 1978).

Atingido o novo estatuto de *akh*, «glorificado», «transfigurado», o morto renascia e alcançava um novo patamar existencial, participando da esfera divina do Além e exercendo alguma influência sobre a esfera humana do Aquém. Na interacção com o plano terrestre, humano, os *akhu* agiam como mediadores junto dos deuses, intercedendo pelos vivos. Em troca, os viventes sustentavam as necessidades dos *akhu*, provendo as oferendas e as cerimónias exigidas.

Tal como para o *ba*, os Egípcios recorreram, portanto, também no caso do *akh*, a um signo-ave para «ilustrar» o conceito. No caso da íbis tudo leva a crer que era encarado como mensageiro do Além, ou seja, manifestação terrestre dos mortos glorificados (*akhu*).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No antigo Egípcio, as aves eram um componente importante tanto na vida quotidiana, terrena, como na vida espiritual, depois da morte, no Além, protegendo vivos e mortos. Entre as divindades-aves mais invocadas na protecção dos vivos, sobretudo do faraó, estavam Hórus, Montu, *bau* de Pe, Nekhebet e Mut; entre as que protegiam o defunto estavam as deusas-abutre (ex.: Nekhebet, Nut e Mut) e as divindades-falcão (ex.: Sokar, Sopedu, Kebehsenuf, Néftis e Ísis).

As representações iconográficas de aves (íbis, falcões,

abutres, gansos, avestruzes, pelicanos, jabirus, etc.) que a arte egípcia nos mostra, em vários contextos, são, pois, facetas e dimensões do divino que tanto realçam, como tratadas teologicamente (*ba* e *akh*) ajudaram a corporizar e expressar convicções e conceitos. O mesmo se aplica às formas híbridas que são produto de um compromisso criativo entre um pensamento antropomórfico e as aparências das forças naturais-animais. A forma humana dos deuses demonstrava a sua acessibilidade e tangibilidade, enquanto a ave-metáfora exprimia a sua função.

5. REFERÊNCIAS

- ALLEN J. P. (2001). "Ba". In Redford D. B. (ed.) *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol. I, Oxford University Press: 161, 162.
- ASSMANN J. (2003). *Mort et au-delà dans l'Égypte ancienne*. 685 pp. Éditions du Rocher, Monaco.
- BAILLEUL-LESUER, R. (2012). "1.From kitchen to temple: The practical role of birds in Ancient Egypt". In Bailleul-Lesuer R. *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, The Oriental Institute of the University of Chicago: 23-32.
- BLEEKER C. J. (1973). *Hathor and Thoth: Two Key Figures of the Ancient Egyptian Religion*. 171 pp. E. J. Brill, Leiden.
- DAUMAS F. (1982). *Les dieux de l'Égypte*. 126 pp. P.U.F., Paris.
- DODSON, A. (2009). "Rituals Related to Animal Cults". In Wendrich W. (ed.) *UCLA Encyclopedia of Egyptology*: 1-8. Retrieved from: <http://escholarship.org/uc/item/6wk541n0>
- DODSON, A. & IKRAM, S. (1998). *The mummy in ancient Egypt. Equipping the dead for eternity*. 352 pp. Thames and Hudson, London.
- DUNAND, F. (2000). *Isis. Mère des dieux*. 206 pp. Editons Errance, Paris.
- ENGLUND, G. (1978). *Akh. Une notion religieuse dans l'Égypte pharaonique*. 227 pp. Boreas 11, Uppsala.
- EVANS, L. (2012). "10. Bird behavior in Ancient Egyptian Art". In Bailleul-Lesuer R. *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, The Oriental Institute of the University of Chicago: 91-98.
- FRIEDMAN, F. D. (2001). "Akh". In Redford D. B. (ed.) *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol. I, Oxford University Press: 47, 48.
- GARDINER, A. (1982). *Egyptian grammar being an introduction to the study of hieroglyphs*. 646 pp. Griffith Institute, Oxford.
- HART, G. (1986). *A dictionary of Egyptian gods and goddesses*. 227 pp. Routledge & Kegan Paul, London/New York.
- HORNUNG, E. (1986). *Les Dieux de l'Égypte: L'Un et le Multiple*. 310 pp. Flammarion, Paris
- HOULIHAN, P. (1986). *The birds of ancient Egypt*. 191 pp. Aris & Phillips, Warminster.
- HOULIHAN, P. F. (2001). "Birds". In Redford D. B. (ed.) *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol. I, Oxford University Press: 189-191.
- IKRAM, S. (2012). "3. An eternal aviary: bird mummies from Ancient Egypt". In Bailleul-Lesuer R. *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, The Oriental Institute of the University of Chicago: 41-48.
- JANÁK, J. (2013a). "Akh". In Wendrich W. (ed.) *UCLA Encyclopedia of Egyptology*: 1-9. Retrieved from: <http://escholarship.org/uc/item/7255p86v>
- JANÁK, J. (2013b). "Northern Bald Ibis (Akh-Bird)". In Wendrich W. (ed.) *UCLA Encyclopedia of Egyptology*: 1-9. Retrieved from: <http://escholarship.org/uc/item/9m96g9sb>
- JANÁK, J. (2013c). "Extinction of Gods: Impact of climate change on religious concepts". In Gordin S. (ed.) *Visualizing knowledge and creating meaning in ancient writing systems*, Berliner Beiträge zum Vorderen Orient: 121-131.
- JANÁK, J. (2014). "Saddle-billed Stork (ba-bird)". In Wendrich W. (ed.) *UCLA Encyclopedia of Egyptology*: 1-8. Retrieved from: <http://escholarship.org/uc/item/0r77f2f8>
- KOSLOFF, A. P. (2012). "5. Pharaoh was a good egg, but whose egg was he". In Bailleul-Lesuer R. *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, The Oriental Institute of the University of Chicago: 59-64.
- KESSLER D. (2001). "Bull gods". In Redford D. B. (ed.) *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol. I, Oxford University Press: 209-213.
- LÓPEZ GRANDE, M. J. (2007). "Diosas milanos, halcones y buitres en la iconografía del Antiguo Egipto". In González Reyero S.; Pérez Ruiz, M.; Bango García, C. I., *Una nueva mirada sobre el Patrimonio Histórico. Líneas de investigación arqueológica en la Universidad Autónoma de Madrid*, Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid: 303-318.
- SALES J. das C. (1999). *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*. 470 pp. Editorial Estampa, Lisboa.
- SALES, J. das C. (2009). "Sexualidade e sagrado entre os Egípcios. Em torno dos comportamentos erótico-sexuais dos antigos deuses egípcios". In Ramos J. A. & Fialho M. do C. & Rodrigues N. S. *A sexualidade no mundo antigo*. Centro de História da Universidade de Lisboa/ Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos: 55-79.
- SALES, J. das C. (2012). "Diálogo teológico-cosmogónico egípcio". *Revista Lusófona de História das Religiões*, Ano X - nº 16/17: 193-232.
- SALES, J. das C. (2014). "A Conceção Antropológica Egípcia: Da Vida no Aquém à Existência no Além". *Gaudium Sciendi*, 6: 131-164. Retrieved from: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3367>
- SALES, J. das C. (2015). *Política(s) e Cultura(s) no antigo Egipto*. 457 pp. Chiado Editora, Lisboa.
- SALES, J. das C. (2017). "A metalinguagem religiosa: as aves como metáforas e símbolos na mitologia egípcia". *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, nº 20: 7-41.
- SCALF, F. (2012). "2. The role of birds within the religious landscape of Ancient Egypt". In Bailleul-Lesuer R. *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, The Oriental Institute of the University of Chicago: 33-40.
- SOUSA, R. (2012). *Em busca da imortalidade no antigo Egipto. Viagem às origens da civilização*. 275 pp. Êsquilo, Lisboa.
- SHONKWILER, R. (2012). "4. Sheltering wings: birds as symbols of protection in Ancient Egypt". In Bailleul-Lesuer R. *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, The Oriental Institute of the University of Chicago: 49-57.
- TAYLOR, J. H. (2001). *Death & the afterlife in Ancient Egypt*. 272 pp. The Trustees of the British Museum. London.
- TE VELDE, H. (1979-1980). "Towards a Minimal Definition of the Goddess Mut". *JEOL* 26: 3-9.

- TE VELDE, H. (1980). "A Few Remarks upon the Religious Significance of Animals in Ancient Egypt". *Numen* 27: 76–82,
- TE VELDE, H. (1997). "Mut and other ancient Egyptian goddesses". In Phillips, J. et al. (ed.). *Egypt, the Aegean, and the Near East. Studies in honour of Martha Rhoads Bell*. vol. I., Van Siclen Books: 455-462.
- TE VELDE, H. (2008). "The Goddess Mut and the Vulture". In D'auria S. H. *Servant of Mut. Studies in Honor of Richard A. Fazzini*, Brill: 242–245.
- VERNUS, P. & YOYOTTE, J. (2005). *Bestiaire des pharaons*. 500 pp. éd. Perrin, Paris.
- WATTERSON, B. (1984). *The gods of Ancient Egypt*. 238 pp. Batsford Ltd., London.
- WILKINSON, R. H. (2003). *The complete gods and goddesses of ancient Egypt*. 256 pp. The American University in Cairo Press, Cairo.
- ZABKAR, L. V. (1968). *A study of the ba concept in ancient Egyptian texts*. 184 pp. University of Chicago Press, Chicago.
- ZAYED, M. S. (2013). *Les oiseaux dans l'écriture égyptienne ancienne: étude lexicographique d'un genre animalier*. Mémoire présenté comme exigence partielle de la maîtrise en histoire. 135 pp. Université du Québec à Montréal, Montréal.